

Marcelo V. Silveira

[1] Universidade Federal de São Carlos | **Título abreviado:** Editorial | **Email:** marcelopsi06@gmail.com | **doi:** org/10.18761.pacedt2427

## Editorial

A cada novo volume da *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*, buscamos reafirmar um compromisso essencial: não apenas divulgar conhecimento, mas promover reflexão sobre o lugar da nossa ciência no mundo. O presente número, reunindo investigações empíricas, análises históricas e aplicações contemporâneas da Análise do Comportamento, nos convida a um exercício de memória, imaginação e responsabilidade.

A ciência do comportamento tem expandido suas fronteiras para além dos ambientes experimentais familiares e das páginas de manuais clássicos, abrindo-se ao diálogo com temas que atravessam dimensões éticas, sociais e políticas da vida contemporânea. Neste volume, os artigos publicados demonstram o potencial da Análise do Comportamento em articular rigor conceitual com urgência social. Inspirado pelo espírito proposto por Hantula (2016), de que a Análise do Comportamento deve se aventurar “além do familiar e além da página”, este número acolhe trabalhos que desafiam a tradição a partir de dentro, incorporando a noção de que a ciência do comportamento como ferramenta ativa na transformação da cultura.

### A ética da atuação e a memória de Holland

Essa dimensão ética da prática científica também perpassa a análise feita por Staudohar, Bruno & Azoubel sobre a recepção do texto “*Behaviorism: Part of the problem or part of the solution?*” (Holland, 1978) na literatura brasileira. O artigo é mais do que uma análise bibliométrica — é um espelho no qual a comunidade analítico-comportamental pode se ver refletida. A persistência das

citações a Holland indica que sua inquietação ética — sobre o papel dos analistas do comportamento em sociedades marcadas por desigualdade — ainda ecoa, mesmo que, por vezes, de forma superficial ou periférica. O que temos feito com o chamado de Holland? Temos assumido as implicações sociais de nossas práticas ou nos refugiado na neutralidade técnica? Essa pergunta, mais do que acadêmica, é existencial. Ela nos força a pensar se estamos, de fato, participando da construção de soluções ou apenas operando dentro de sistemas que perpetuam os problemas.

### Espiritualidade e eu-como-contexto: o alcance do simbólico

Entre os textos que tensionam fronteiras tradicionais, destaca-se o artigo de Balog sobre espiritualidade, autoconsciência e a noção de *eu-como-contexto* no âmbito da Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT). Ancorado nos desenvolvimentos da Teoria das Molduras Relacionais (RFT), o artigo propõe um diálogo ousado entre o behaviorismo radical e experiências humanas profundas — como o sentimento de transcendência, pertencimento e continuidade existencial. Essa proposta amplia os horizontes clínicos da Análise do Comportamento e mostra que nossa ciência pode dialogar com fenômenos tradicionalmente tratados como místicos ou subjetivos, sem abrir mão do rigor conceitual. A ACT, nesse sentido, tem sido uma das vias pelas quais a Análise do Comportamento tem expandido sua linguagem para tocar temas caros à experiência humana — dor, sofrimento, propósito, identidade e *self*.

## Aplicações tecnológicas e práticas baseadas em evidência

A interface entre tecnologia, treinamento e disseminação da ciência comportamental aparece fortemente nos artigos de Vecchio & Perez, e Marquetti & Perez. Ambos avaliam a eficácia de manuais digitais baseados em *Behavioral Skills Training* (BST) para ensinar profissionais a aplicar a pré-avaliação de diferentes módulos do PEAK. Além de trazerem resultados promissores, essas pesquisas respondem a uma demanda cada vez mais presente na comunidade científica: a produção de Produtos Técnicos e Tecnológicos (PTTs) que ampliem o alcance e a efetividade das práticas baseadas em evidência.

Num momento em que os programas de pós-graduação no Brasil são cada vez mais cobrados por impacto social e tecnológico, tais estudos mostram como a Análise do Comportamento pode gerar conhecimento aplicável, acessível e socialmente relevante. Como reforça a análise contida em outro material deste número, a área da Psicologia tem se destacado na produção de PTTs, mas há ainda um caminho importante a trilhar — especialmente no que diz respeito à mensuração do impacto e à articulação entre pesquisa, formação e intervenção.

## OBM e o desafio da interlocução interdisciplinar

O artigo de Soares, Santos, Falcão & Souza investiga o impacto da Gestão do Comportamento em Organizações (OBM) na produção científica da Administração, revelando um dado desconfortável: as publicações do *Journal of Organizational Behavior Management* são muito pouco citadas nos principais periódicos da área de Administração no Brasil. Em contraste, o *Journal of Applied Psychology* aparece com grande frequência. Tal constatação deve nos provocar. A OBM é uma área madura, com mais de quatro décadas de desenvolvimento, mas ainda encontra dificuldades para ocupar espaços nas comunidades acadêmicas adjacentes. Isso nos faz pensar sobre os limites da nossa linguagem, sobre as barreiras epistemológicas que ainda se erguem entre campos do saber — e, sobretudo, sobre a necessidade de comunicação científica estratégica, sem a qual corremos o risco de produzir conhecimento excelente, mas ignorado.

## Do singular ao plural, a diversidade

Entre os artigos que compõem este volume, destaca-se uma contribuição teórica de fôlego ao se debruçar sobre a interseção entre masculinidades plurais, interseccionalidade e Análise do Comportamento. O texto de Chaveiro, Oliveira e Gotti amplia o escopo tradicional da AC ao mobilizar conceitos como agências controladoras, controle aversivo, contra-controle e seleção por consequências para descrever como práticas culturais sustentam formas hegemônicas de masculinidade — cisgênera, branca, heterossexual — e punem condutas desviantes em múltiplas camadas sociais. O artigo não apenas problematiza. Ao propor o conceito de masculinidades plurais como alternativa à noção hierarquizante de masculinidades marginais, o artigo oferece à Análise do Comportamento uma oportunidade ética e científica de se alinhar às pautas de justiça social, planejando práticas culturais mais inclusivas e viabilizando formas de contracontrole sustentáveis. Trata-se, sem dúvida, de uma obra que interpela a comunidade analítico-comportamental a adotar um compromisso mais ativo com a transformação das contingências que mantêm o patriarcado e a “invisibilização” de subjetividades não normativas.

## Formação de técnicos e impacto direto na prática

Outro artigo deste número, de Guimarães & Garcia, apresenta uma investigação sobre os efeitos de um treino para aplicação da Análise Funcional Baseada em Tentativas por aplicadores técnicos. O estudo, de caráter quase-experimental, mostra que o treinamento é eficaz para capacitar profissionais que atuam diretamente com indivíduos com TEA. Trata-se de uma contribuição fundamental, pois revela como o conhecimento produzido pela Análise do Comportamento pode ser transformado em tecnologia social, com impacto direto em salas de aula, clínicas e contextos comunitários.

Essa é uma das marcas distintivas da nossa ciência: a capacidade de transitar do laboratório à sala de aula, do artigo ao cotidiano, do conceito à transformação. Mas isso não acontece por inércia. Depende de formação rigorosa, supervisão qualificada, políticas públicas bem estruturadas — e também de publicações comprometidas com a qualidade e a relevância.

## Caminhos abertos

O conjunto de artigos deste número oferece uma amostra rica da vitalidade da Análise do Comportamento. Mas mais do que isso, nos convoca a continuar avançando — teórica, metodológica e eticamente. A tarefa é grande, mas a Análise do Comportamento tem, em seu cerne, um princípio que nunca deixou de ser atual: o compromisso com a mudança.

Boa leitura!

## Referências

Hantula, D. A. (2016). Expanding the scope: Beyond the familiar and beyond the page [Editorial]. *The Behavior Analyst*, 39(2), 189–196. <https://doi.org/10.1007/s40614-016-0078-1>